A terceira reportagem da série do **Correio** mostra que a violência se perpetua dentro e fora das instituições de ensino, mas poucas sabem como abordar o problema. Criar lugares de fala e de escuta para alunos e professores é uma das orientações de especialistas

Escola: espaço de expressão

» MARIANA NIEDERAUER
ESPECIAL PARA O **CORREIO**

A violência cotidiana que contorna os muros da escola e que, muitas vezes, invade esse espaço faz com que alunos e professores se sintam infelizes. Sem saber como agir diante de situações extremas, constantemente registradas em vídeo e compartilhadas com milhares de pessoas pela web, as instituições recorrem à punição como única forma de coibir casos de agressão ou de depredação do patrimônio. Especialistas mostram, no entanto, que deixar esses estudantes participarem do processo de aprendizagem e de construção de normas institucionais, além de trazer questões que os atingem do lado de fora, é a melhor maneira de lidar e de evitar essas situações.

A socióloga e pesquisadora Miriam Abramovay, coordenadora de Juventude e Políticas Públicas da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), percebe que a resistência em tratar do tema tem diminuído ao longo dos anos. Antes, segundo ela, a negação por parte de professores nas escolas públicas era total. "Acho que isso mudou. Todo mundo tem consciência da importância do tema, mas é difícil de ser tratado. Ou existe um exagero muito grande da questão da violência ou a banalização", observa.

A especialista destaca que notar a violência dura, aquela tipificada no código penal (leia **Para saber mais**), é a parte mais fácil. No entanto, existe ainda a violência das relações sociais — entre alunos, entre aluno e professor, entre diretores e professores etc. — e, o que muitas pessoas não conseguem perceber, é que a escola em si é uma instituição profundamente violenta, em razão da falta de equidade, de diálogo e de reconhecimento da importância do papel do jovem e do adolescente nesse contexto.

"As relações de poder na escola são compostas por muita violência, por aqueles que estabelecem como a escola deve ser e por aqueles que têm de obedecer sem questionar muito e sem falar muito", diz Miriam. "Os adolescentes e os jovens se sentem completamente alijados nessas instituições, é por isso que quebram e depredam. Se é uma escola que os alunos consideram que é deles, nunca vão deixar que isso aconteça, a comunidade não vai deixar", defende. Como consequência, nem os alunos aprendem nem os professores querem ensinar.

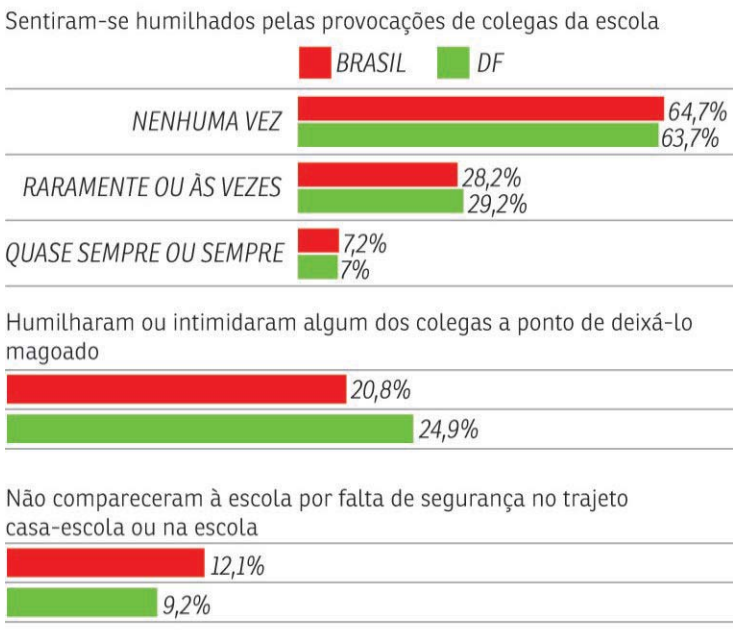
A abordagem defendida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) é a mediação do conflito. A organização participou, inclusive, da elaboração de um manual que traz orientações sobre como promover a cultura da paz nas escolas, o *Vamos ubuntar? Um convite para cultivar a paz*. "É muito importante que a comunidade escolar esteja alerta para essas situações e busque os mecanismos apropriados para resolvê-las, evitando ficar apenas nas medidas repressivas", afirma Marlova Jovchelovitch Noleto, diretora da Área Programática da Unesco no Brasil.

Carlos Moura/CB/D.A Press

A professora de português Ellen Cintra trabalhou o tema com alunos do ensino médio do período noturno no Paranoá: empoderamento

Agressores e agredidos

Confira os dados sobre violência coletados pelo IBGE com alunos do 9º ano do ensino fundamental



Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde Escolar 2012, IBGE

Preparo

Para Mauro Gleisson Castro Evangelista, pesquisador e professor da rede pública de ensino do Distrito Federal, um dos grandes problemas é que, normalmente, o fenômeno da violência faz parte apenas do currículo implícito das escolas, e não do currículo explícito. Na avaliação dele, falta instrumentalização teórica para que os professores consigam tratar a questão em sala de aula. "Eu acho que os professores querem muito essa discussão, mas eles querem algo que os desresponsabilize, porque eles já se sentem responsabilizados demais e sobrecarregados com as demandas da escola", destaca.

Nas palestras que ministra e nas pesquisas que desenvolve sobre o tema, Evangelista observa que esses docentes acabam por responsabilizar a família, criam estereótipos para os alunos — desinteressados, desrespeitosos, drogados —, dizem que a escola de hoje é muito mais violenta do que antes e caracterizam todo tipo de agressão como bullying — que é apenas a violência reiterada entre pares.

De acordo com ele, é preciso lembrar ainda que é característica do adolescente ser combativo, principalmente quando ele descobre que o pai não é a lei, é apenas um ancorador da lei. O especialista reconhece ainda que há realmente uma crise de limites na sociedade e que a família não está conseguindo dar esses limites. "Não é que ela não queira, é que os tempos são confusos mesmo."

A solução, segundo ele, é um trabalho coordenado entre os professores e os orientadores pedagógicos, que privilegie a construção de espaços de escuta, de fala e de expressão — do rap, da dança e do grafite, por exemplo — em vez de uma justiça punitiva. Uma das opções é prever esses espaços dentro de planos de convivência escolar. "É preciso regular, sim. As escolas têm sido espaços muito desregulados, mas espaços extremamente regulados também não funcionam."

> **Os adolescentes e os jovens se sentem completamente alijados nessas instituições, é por isso que quebram e depredam. Se é uma escola que os alunos consideram que é deles, nunca vão deixar que isso aconteça"**
>
> ***Miriam Abramovay,*** *socióloga e pesquisadora*

Exemplo

A professora de português Ellen Cintra, do CED Darcy Ribeiro, no Paranoá, decidiu trabalhar a questão da violência no âmbito dos projetos voltados à comemoração do Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro. "O desdobramento foi violência porque não tem como falar em preconceito e em racismo sem tratar disso. E, como estamos na periferia, a questão da violência policial contra negros é muito forte", detalha. O tema foi tratado com estudantes do ensino médio do período noturno. "São alunos que vão para a escola e voltam para casa com medo", relata (**veja o quadro**).

O objetivo foi levar para dentro da escola a discussão sobre os processos sociais que fortalecem o racismo e a violência policial, para tentar contribuir para reverter essa situação. "Se não paramos para pensar nisso, o medo toma conta e, aí, acaba em violência ou em revolta, que também gera violência."

Ellen destaca que os resultados não são imediatos, mas já é possível notar mudanças de postura. "É um empoderamento no sentido de criar coragem dentro de um grupo e de criar um laço com o professor para encarar o problema", avalia. São estudantes que não têm mais receio de assumir que são mães; que passaram a usar o cabelo afro; que percebem que o crime não é o melhor caminho; e que refletem sobre a forma como tratam as namoradas. Ellen reconhece que algumas escolas ainda apresentam resistência em tratar a questão e que é necessário um trabalho conjunto entre professores, comunidade e direção, além de planejamento, para que essas propostas deem certo.

Ameaça virtual

A violência nas escolas ganhou um outro contorno ultimamente com a democratização do acesso à internet e às mais variadas redes sociais. Miriam Abramovay, da Flacso, afirma que o fenômeno do ciberbullying começou a ganhar mais força nos últimos quatro anos. "As escolas também não sabem o que fazer sobre isso, é uma coisa mal discutida", diz.

Em São Paulo, a professora de informática educativa Luciana Camilo, da Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) Professor Remo Rinaldi Naddeo, falou sobre bullying e ciberbullying, principalmente com alunos do 6º ano. Foi a forma que ela encontrou de prender a atenção dos estudantes numa aula em que eles frequentemente perdem o foco. Ela passava vídeos de filmes sobre o tema para incentivar discussões na turma e tarefas por uma plataforma digital.

Luciana observou que muitos se identificaram como os agressores e pararam de usar termos ofensivos. Depois que a ação foi divulgada pelo programa Mais Educação, da prefeitura, diversas escolas a contataram para conhecer o trabalho. "Quando colocamos os alunos como protagonistas da atividade, eles fazem com o maior gosto. Eu sou coadjuvante. Se eles estão se mostrando felizes, para mim, o resultado está aí."

» Leia amanhã **O racismo ainda é um problema na escola do século 21**

» Para saber mais

Agressão de diversas formas
Veja como são classificados os vários tipos de violências

Microviolências ou incivilidades
São aqueles atos que não contradizem nem a lei nem os regimentos dos estabelecimentos, mas as regras da boa convivência

Violências simbólicas
Operam por imposição de símbolos de poder. Nessa relação, os que não têm poder não conseguem se defender das violações

Violência dura
São atos enquadrados como crimes ou contravenções penais, ou seja, estão presentes nos códigos penais

Fonte: *Conversando sobre violência e convivência nas escolas* (Flacso), a partir de obras de Roché, Bourdieu e Chesnais.

EU, ESTUDANTE
acompanhe a cobertura on-line no site:
www.correiobraziliense.com.br/euestudante

Quando são as meninas que batem

O pesquisador Paulo Neves apresentou uma dissertação de mestrado na Universidade de São Paulo (USP) em que tratou de gênero, conflito e violência na escola. O objetivo do trabalho foi entender o que levava as meninas a serem violentas, uma vez que as agressões são socialmente identificadas como uma expressão masculina. "Ficou muito evidente que a socialização que elas tinham em casa, na escola e na sociedade reforçava a violência como forma legítima de estabelecer ordem ou impor respeito. Elas veem que os meninos que brigam são mais respeitados e testemunham a violência paterna", explica.

Essa primeira constatação é fruto de pesquisa realizada em uma escola pública. No doutorado, ele decidiu investigar como o assunto era tratado na escola particular, e selecionou uma instituição de classe média alta. A briga, nesse caso, foi entre uma estudante que ficou com o namorado da outra, também aluno da escola. A questão de gênero — e os comportamentos considerados adequados para um homem e para uma mulher — também se mostrou presente. "Sempre há a referencia a uma sexualidade que não é socialmente aceita para as mulheres. As ofensas eram todas de caráter sexual. O menino não foi condenado na história", relata.

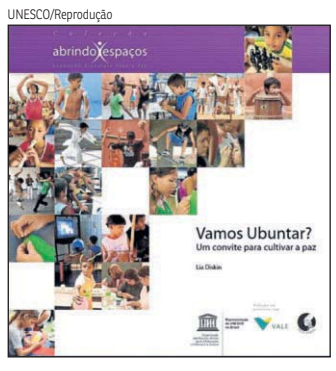
> **A socialização que elas tinham em casa, na escola e na sociedade reforçava a violência como forma legítima de estabelecer ordem ou impor respeito"**
>
> ***Paulo Neves,*** *pesquisador*

Quando as questões de gênero não são abordadas na escola ou são levantadas desconsiderando a equidade, como mostrou a primeira da série de reportagens, a violência surge como consequência. "As questões de gênero são abordadas nas escolas, de uma forma ou de outra, mas talvez não para garantir a equidade de gênero: quando se organizam filas de meninos e de meninas, quando se solicita mais às meninas que arrumem a sala, quando se tolera mais o comportamento errado dos meninos do que das meninas", elenca Neves.

Para o pesquisador, a escola precisa discutir questões de gênero e de violência não só pela grande quantidade de tempo que crianças, adolescentes e jovens passam lá, mas também para complementar a função da família. "Algumas questões são de responsabilidade da família, como a orientação religiosa. Já a escola tem um papel importante que é a transição da esfera privada para a esfera publica", afirma. É nessa esfera que ocorrerá outro tipo de socialização que os estudantes talvez não tenham acesso em casa e que mostrará outras formas de resolver conflitos, conforme destaca Neves.

» Para ler

UNESCO/Reprodução



Vamos ubuntar? Um convite para cultivar a paz
Autora: Lia Diskin
97 páginas
Unesco, Fundação Vale e Fundação Palas Athena
Disponível em *bit.ly/1J3mfie*